

SEMIÓTICA E TEXTO

BARROS, Diana L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo. Ática, 1990. 96p.

A semiótica vem ganhando um espaço significativo em várias áreas e como ocorre com ciências novas ela traz uma taxonomia específica ou a reformulação no uso e no significado de vocábulos e expressões já de domínio público. Além disso, formulações teóricas vicejam sem um respaldo em dados de pesquisa, embora frequentemente bem ilustradas com exemplos diversos.

As propostas da teoria semiótica apresentam-se com uma ampla gama de possibilidades de análise de realidades e de objetivos distintos. Todavia a complexidade das mesmas, especialmente pela questão conceitual e terminológica, pode forjar no não iniciado percepções distorcidas e atitudes incompatíveis com o esperado para tomar a semiótica útil.

O livro de Barros apresenta uma contribuição significativa no contexto aqui referido. Doutora em Linguística (USP) e professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH da USP, a Autora usa bem suas habilidades produzindo um texto didático, claro e simples sem perda de precisão. O seu livro emergiu de suas experiências docentes junto a professores da rede pública de 1º e 2º grau do Estado de São Paulo, aos quais procurava levar estes conhecimentos.

A obra compreende efetivamente seis capítulos, os quais são complementados com informações indevidamente numeradas como capítulos. Estas informações são Vocabulário Crítico em que a Autora arrola os principais termos e expressões da semiótica compondo um glossário útil; textos analisados onde apresenta a bibliografia dos textos usados como exemplo, como base para essas análises; Bibliografia Comentada onde arrola vários textos sobre semiótica e sobre discurso, fornecendo algumas pistas ao leitor sobre os mesmos, não chegando todavia a ser uma bibliografia comentada em toda sua acepção conforme se entende por esta expressão em ciétiometria e bibliometria.

O primeiro capítulo tem por título “Teorias Linguísticas do Texto e Teoria Semiótica. Entretanto é apenas esta última que tem espaço assegurado no texto. O primeiro tópico conceitua o texto e destaca que a semiótica **“procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”** (p.7). Passa rapidamente ao percurso gerativo de sentido que se apresenta em vários níveis.

O capítulo seguinte trata da Sintaxe Narrativa: enunciado elementar, programa narrativo, percurso narrativo e esquema narrativo. Elabora quadros que facilitam a síntese do exposto.

O terceiro capítulo enfoca a Semântica narrativa começando pela modalização do fazer e passando à modalização a do ser.

A estrutura discursiva dentro do enfoque semiótico adotado pela Autora aparece nos dois capítulos seguintes. O 4º Capítulo trata da sintaxe: projeção da enunciação, proximidade vs distanciamento da enunciação, realidade vs referente, fechando-se com a questão das relações argumentativas entre enunciados e enunciatários. O último apresenta a semântica discursiva: tematização, figurativização e coerência textual.

Após a apresentação dos passos para construir (ou reconstruir) os sentidos do texto, enfocando a organização interna do plano de conteúdo do texto a Autora passa ao exame das relações entre o plano da expressão e o do conteúdo e como a semiótica encara a instância da enunciação. Esta é a temática do sexto capítulo: o semi-simbolismo, o discurso, a enunciação e o contexto sócio-his-tórico. Mantém-se o nível didático do texto. Lembra que as “estruturas textuais estão fora do percurso gerativo do sentido e o exame do plano da expressão não faz parte das preocupações da semiótica. Tal ponto de vista pode ser mantido sempre que a expressão ‘transparente’ assume apenas o encargo de suportar o significado ou, como o nome diz, de expressar o conteúdo. Em grande número de textos, no entanto, a posição da semiótica não se sustenta, pois há, nesses textos, interesses em se explicarem as organizações da expressão para a tarefa de construção dos sentidos. Parece paradoxal, mas, neles, a expressão produz sentido” (p.81). Esta é uma limitação tangenciada pela Autora. Em seguida, lembra que a semiótica “examina a enunciação enquanto instância pressuposta pelo discurso” (p.81) e esboça algumas reflexões sobre a enunciação e o contexto histórico.

São aspectos ainda não resolvidos satisfatoriamente em termos científicos na semiótica. Possivelmente alimentando pretensões para as quais ainda não viabiliza um exame acurado, chegando a inferências e a generalizações talvez prematuras. Talvez por preocupação

didática a Autora não ofereça ao seu enunciatório (leitor de seu livro) uma perspectiva mais crítica da teoria e de seu uso prático.

Concluindo escreve: "A semiótica, como se afirmou desde o início, procura hoje determinar o que o texto diz, como o diz e para o que faz. Em outras palavras, analisa os textos da história, da literatura, os discursos políticos e religiosos, os filmes e as operetas, os quadrinhos e as conversas de todos os dias, para construir-lhes os sentidos pelo exame acurado e seus procedimentos e recuperar, no goda da intertextualidade, a trama ou o enredo da sociedade e da história. Se os estudos do texto buscam, em geral, os objetivos comuns de conhecimento do texto e do homem, a semiótica pode, quem sabe, somar a outros os passos que têm dado nessa direção" (p.83).

Cabe destacar a última oração do parágrafo aqui transcrito: a soma de esforços, a complementação, a busca de objetivos comuns.

Resta demonstrar o que isto representa em termos de ampliação de conhecimento; se há realmente necessidade de novas leituras, novas teorias; que benefícios isto efetivamente traz para responder às indagações da pesquisa e da prática do texto; entre outras questões. Passarão o autor e o leitor a produzirem e a lerem com maior compreensão, criatividade e criticidade os discursos por usarem a teoria semiótica? Serão mais hábeis no ensino da leitura e da escrita os professores que passarem a recorrer a tecnologias (precisam ser desenvolvidas e testadas) de ensino baseadas na semiótica? São indagações de quem caminha pelos bancos escolares, com alunos e professores de periferia, procurando parcimoniosamente na ciência saberes que gerem fazeres viáveis, úteis, práticos para a solução de problemas que se avolumam, deterioram as pessoas e o ambiente, tomam confusa e negra a história educacional que se faz hoje nas escolas brasileiras.

A exemplificação usada em cada capítulo foi cuidadosamente escolhida e preenche de forma adequada as necessidades de esclarecimento. Mais ainda, são textos agradáveis e muito bem apresentados, tomando mais amena a leitura. Justifi-ca-se a recorrência aos mesmos exemplos, muitas vezes, para efeito de clareza.

O texto é uma boa iniciação à semiótica do texto para professores, pedagogos, psicólogos, bibliotecários, jornalistas, ou seja, a todos que de uma forma ou de outra estejam trabalhando com textos, quer produzindo-os quer consumindo-os enquanto leitores, e que queiram ou precisem de informação sobre essa nova forma de estudar o texto.

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP